

REFLEXÕES SOBRE A EVASÃO NA EJA: PERFIL E OLHARES DOS(AS) ESTUDANTES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ITAPETINGA (BA)

REFLECTIONS ABOUT EVASION IN THE EJA: PROFILE AND VIEWS OF THE STUDENTS OF THE MUNICIPAL NETWORK OF TEACHING IN ITAPETINGA (BA)

Adenilson Souza Cunha Junior
Janile da Costa Pinto
Julita Lopes Carvalho

RESUMO: O artigo apresenta reflexões sobre o processo de Evasão escolar na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), segundo o(s) olhar(es) dos(as) estudantes dos colégios CAIC Paulo Hagge, José Marcos Gusmão e Colégio Manoel Novaes situados no Município de Itapetinga-BA. Temos como foco principal apresentar o perfil dos(as) estudantes que frequentaram as turmas da EJA no período de 2014 a 2018, conhecer as novas características do público que buscam essa modalidade, bem como os possíveis motivos que os(as) levam a evadirem da escola. Seguimos os passos metodológicos baseados na pesquisa qualitativa- descritiva, com estudo de caso e análise documental, interpretados e analisados à luz de legislações e referenciais teóricos como: Santos (2003) e Arroyo (2018). Concluímos que o perfil dos(as) estudantes da EJA mudaram ao longo dos anos, devido a grande presença de jovens com histórico escolar de reprovação e que veem na EJA a possibilidade de acelerar os estudos. Assim, a evasão ocorre principalmente pela desestruturação familiar, onde em sua maioria são jovens solteiros(as), com filhos(as) e que precisam trabalhar para manter as despesas da casa. Logo, a rotina de trabalho e estudo se torna cansativa e desestimulante devido ao formato de educação que encontram na escola.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Evasão Escolar. Juventude.

ABSTRACT: The article presents reflections on the school dropout process in the Youth and Adult Education (EJA) modality, according to the view (s) of the students of the CAIC colleges Paulo Hagge, José Marcos Gusmão and Colégio Manoel Novaes located in the Municipality of Itapetinga-BA. Our main focus is to present the profile of the students who attended the classes of EJA in the period from 2014 to 2018, to know the new characteristics of the public that seek this modality, as well as the possible reasons that lead them to evade school. We followed the methodological steps based on qualitative-descriptive research, with case study and documentary analysis, which were interpreted and analyzed in the light of laws and theoretical references such as: Santos (2003) and Arroyo (2018). We conclude that the profile of EJA students has changed over the years, due to the great presence of young people with disapproved school history and who see in EJA the possibility of accelerating their studies. Thus, evasion occurs



mainly due to family breakdown, where most of them are young single people, with children and who need to work to maintain household expenses. Therefore, the work and study routine becomes tiring and discouraging due to the education format they find at school.

Keywords: Youth and Adult Education. School dropout. Youth.

1 INTRODUÇÃO

Quando se analisa a realidade e a trajetória histórica, política e social da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebe-se que as suas especificidades estão sendo negligenciadas pelas políticas públicas que pensam e organizam a educação. Assim, é perceptível que o seu futuro seja de incertezas, pois, essa modalidade mantém-se ocupando o lugar no ensino de “caráter secundário, excluído, marginalizado. Seja pela limitação do acesso à escola, seja pela inadequação das propostas curriculares ou pela ausência de formação de professores para atuar nessas turmas” (CUNHA JUNIOR, 2016, p. 67).

Nesse contexto, muitas políticas públicas brasileiras são excludentes no que se refere ao direito dos cidadãos que não tiveram condições de seguir os estudos e evadiram dos espaços escolares porque não veem essa modalidade de ensino como prioritária, portanto, as desistências escolares não são alvo de reflexão daqueles que exercem funções decisivas no país. Embora esse direito esteja assegurado pelas legislações como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n.º 9.394 (1996). As necessidades específicas dessa modalidade são explicitadas por vários estudiosos como Haddad e Di Pierro (2000):

Um fenômeno novo, acentuado na década de 90, é a presença significativa de adolescentes nos programas de escolarização antes dirigidos aos adultos. São jovens egressos do ensino regular, com dificuldades na sua escolarização, que acabam por criar novas demandas para a educação de jovens e adultos, tanto sob o ponto de vista das políticas educacionais, quanto dos desafios pedagógicos. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 39).



Mediante essa necessidade de se discutir mais sobre os fenômenos que ocorrem nessa modalidade educativa e sua forma de organização política e curricular, opta-se, nesse artigo, analisar o processo de Evasão escolar segundo o(s) olhar(es) de estudantes provenientes dos colégios CAIC Paulo Hagge, José Marcos Gusmão e Colégio Manoel Novaes situados no Município de Itapetinga-BA, visto que, os mesmos fazem parte de uma pesquisa macro, intitulada acesso e permanência dos estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Itapetinga (BA): desafios e perspectivas, que analisa de forma ampla, diversos aspectos sobre essa evasão, coletando dados com estudantes regularmente matriculados, egressos, professores e equipe gestora das unidades de ensino e da Secretaria de Educação.

Nesse contexto, tem-se como foco principal apresentar o perfil dos(as) estudantes que frequentaram as turmas da EJA no período de 2014 a 2018, conhecer as novas características do público que buscam essa modalidade em Itapetinga-BA, bem como os possíveis motivos que os(as) levam a evadir da escola, sempre na perspectiva e falas dos(as) estudantes e egressos(as). Para tanto, busca-se responder quais os motivos que levam o(a) estudante da EJA a interromperem e até pararem seus estudos. Uma vez que ao se analisar os dados de matrícula no início do ano letivo, comparando com os mapas finais das turmas da EJA, encontram-se muitas desistências e reprovações.

Para responder ao questionamento acima elencado, a pesquisa é realizada com abordagem qualitativa-descritiva, que segundo Oliveira (2016, p. 59) “facilita descrever a complexidade do problema estudado, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições no processo de mudanças [...]” (OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Utiliza-se a estratégia metodológica exploratória de estudo de caso, pois, “facilita a compreensão de fenômenos sociais complexos” (OLIVEIRA, 2016, p. 55). O estudo de caso, como já elencado anteriormente, teve como campo in-



vestigado três escolas (duas de médio e uma de grande porte) que atendem a modalidade EJA no meio urbano, e que foram escolhidas devido às características e dificuldades comuns, por serem públicas e municipais, por atenderem especificamente às séries finais do Ensino Fundamental no diurno e a EJA no noturno.

Assim, para toda a pesquisa, obteve-se como sujeitos 15 professores(as) e 20 alunos(as) em idades e segmentos variados que ensinam e estudam respectivamente nas três escolas supracitadas, que foram escolhidos(as) aleatoriamente para responder a questionários (para aluno e a entrevista para professor, todos organizados em tópicos semiestruturados). Logo, para esse artigo, apresenta-se as análises realizadas mediante os dados coletados nos questionários aplicados exclusivamente para os estudantes.

Além dessas formas de coleta de dados, recorreu-se à pesquisa bibliográfica cuja finalidade foi entrar em contato direto com obras, produções científicas e documentos que trazem informações sobre o tema da pesquisa (OLIVEIRA, 2016) e pesquisa documental de materiais disponibilizados pelas unidades escolares e pela Secretaria de Educação Municipal, como o Plano Municipal de Educação (PME). Por fim, realizou-se a análise e interpretação com base em referenciais teóricos como: Santos (2003), Arroyo (2018) e legislações em vigor que tratam da EJA como LDB (1996).

Ademais, entende-se que a pesquisa se torna relevante, pois mostra que a matrícula na EJA a cada ano vem diminuindo e é preciso conhecer quais os motivos, além do grande índice de reprovação, que levam os estudantes a não se matricularem na EJA e/ou evadirem no percurso. Logo, nada melhor do que ouvir os próprios estudantes, para que se possa entender melhor como eles veem essa modalidade e assim, poder intervir de forma assertiva, combatendo o(os) motivos(os) por meio de mudanças nas políticas educacionais para o EJA, bem como na sua organização curricular e pedagógica que não atende aos anseios do novo público da EJA que está sendo em sua maioria jovens, soltei-



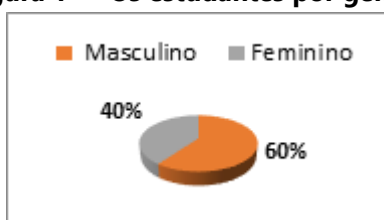
ros(as), com filhos(as) e grande índice de reprovações nas classes regulares diurnas.

2 O QUE DIZEM OS (AS) ALUNOS(AS) DA EJA SOBRE A EVASÃO

Como já destacado anteriormente, esse artigo é um recorte da pesquisa macro que discute os desafios e perspectivas do acesso e permanência dos estudantes na educação de jovens e adultos — EJA, em Itapetinga-BA. Aqui é tratado sobre as informações e dados concedidos pelas equipes da Secretaria Municipal de Educação e Unidades Escolares, bem como dos questionários e entrevistas realizadas com os(as) alunos(as) que frequentam as três escolas (CAIC Paulo Hagge, José Marcos Gusmão e Colégio Manoel Novaes¹) que ofertam a modalidade EJA no meio urbano, no Município de Itapetinga.

Para tanto, busca-se traçar o perfil dos estudantes das três unidades escolares pesquisadas, sendo possível perceber que a maioria é composta por estudantes do gênero masculino, como podemos verificar na Figura 1 a seguir:

Figura 1 — Os estudantes por gênero



Fonte: Dados coletados pelos autores, 2019.

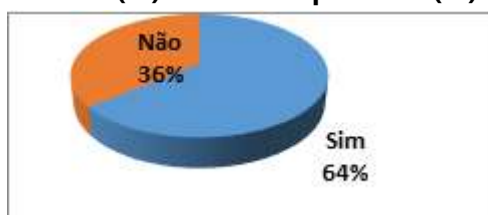
Apesar desse índice sinalizar uma porcentagem maior de pessoas do sexo masculino matriculados na EJA, é perceptível que as desistências maiores estão entre as mulheres pesquisadas. Uma grande parte delas desiste dos estudos por razões de condicionamento feminino ao papel principal em diversas tarefas domésticas e nas responsabilidades financeiras com a casa e com os filhos.

¹ Escola municipalizada no ano de 2016, como mostra o histórico da unidade escolar.



Esse pode ser um fator de interferência ao acesso e continuação das mulheres em seus estudos, uma vez que são sacrificadas por uma sociedade machista que condiciona as atividades da casa e da criação dos filhos como sendo ocupação de maior ou unicamente de responsabilidade da mulher, tornando ainda mais complexos o acesso e a permanência dessas mulheres, mães e estudantes, como mostra a figura 2.

Figura 2 — Perfil dos(as) estudantes por filhos(as) que possuem



Fonte: Dados coletados pelos autores, 2019.

Esse fator é reafirmado pela estudante Elizabete, cursando a EJA V (8º e 9º ano), mãe de dois filhos (17 e 21 anos), casada, empregada doméstica, que relata o motivo da desistência de seus estudos ainda na adolescência:

Eu desisti quando engravidei do meu primeiro filho, e com criança fica tudo mais difícil. Com um filho pequeno fica difícil estudar. A mãe da gente aconselha a gente não engravidar, mas a gente não escuta né? Eu namorava ele, o pai de meus filhos. Aí minha mãe trabalhava, não tinha quem ficar com a criança, ela chegava cansada. À noite eu ia estudar, ela estava cansada. Ficar tomando conta do neto após trabalhar o dia inteiro... Aí essas coisas são assim... Aí eu tentei estudar de novo e não consegui, eu desisti novamente, e outra vez eu tentei e não deu certo, eu já tinha a outra filha e trabalhava. Aí parei de vez. Agora que criei meus filhos eu voltei, agora não, ano passado na 6ª série, tem dois anos, eu fiz a EJA 4 e agora tô na EJA 5. (ELIZABETE,² 2019).

Conforme se percebe, na fala da estudante, a causa que a levou a interromper seus estudos está ligada à questão muito forte de gênero, à dificuldade de conciliar a vida estudantil com a criação de filhos(as), sem dividir responsabilidade com marido ou companheiro. E ainda, à própria condição econômica que

² Os nomes de todos os envolvidos na pesquisa são fictícios, para preservar a identidade dos mesmos.



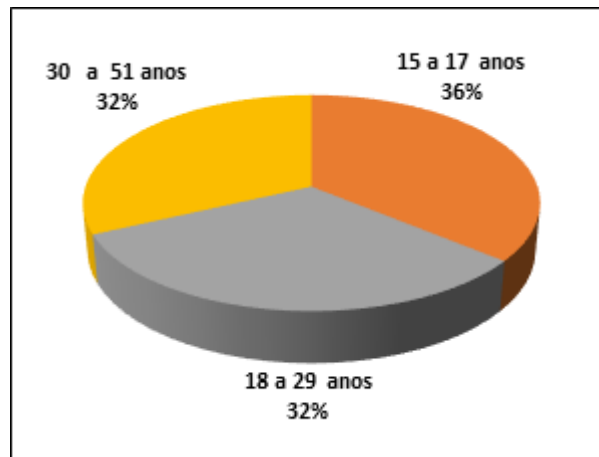
a imerge na incapacidade de dar continuidade ao percurso escolar, devido aos percalços encontrados na maternidade precoce, na função de dona de casa e se desdobrando no trabalho fora de casa.

Diante da percepção da situação vivenciada pela estudante, cabe as palavras de Santos (2003) quando diz que, “diferentemente de constituir-se em um fato isolado, provocado por uma razão específica na escola, a exclusão deve ser entendida como um processo complexo de exclusão escolar” (SANTOS, 2003, p. 113). Outro ponto que chama a atenção na fala da estudante é o fato de assumir naturalmente para si a culpa de não poder continuar estudando no período de sua adolescência.

Quanto a isso, a autora afirma ainda que a impossibilidade do indivíduo visualizar as dificuldades enfrentadas é em decorrência de serem pouco escolarizados, destaca-se também como um dos fatores comuns aos sujeitos das camadas populares, no que se refere à maneira como vivenciam a exclusão da escola (SANTOS, 2003). Numa visão tradicionalista e machista da escola, uma vez grávida, uma adolescente não compartilha do mesmo ambiente propício para estudar onde há outras que não passaram pela mesma experiência.

Verificamos também que o perfil etário da modalidade vem mudando e se distanciando de uma parcela da população para a qual a EJA veio a existir, ou seja, adultos e jovens trabalhadores, para então dar espaço aos adolescentes de 15 a 17 anos. Como confirmado na figura 3 seguir:

Figura 3 — Perfil dos estudantes por faixa etária



Fonte: Dados coletados pelos autores, 2019.

Essas mudanças configuram desafios que cabem, ao poder público municipal, instrumentalizar as escolas, viabilizando meios de atendimento ao público adolescente que são enxertados na EJA, uma vez que não se adequam mais às escolas diurnas.

A presença desse público adolescente tem colaborado para a mudança de perfil na modalidade, o que vem emplacando uma característica marcante e crescente no ensino noturno nas escolas de Itapetinga. A maioria deles, oriunda de processos escolares fragmentados e marcados por frequentes reprovações e evasões no Ensino Fundamental regular no diurno, como veio mostrar a pesquisa.

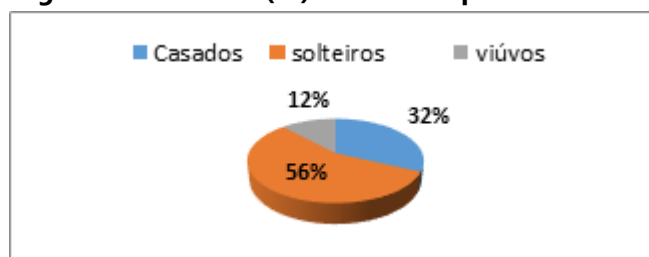
Diante dessa nova característica, o crescimento numérico de adolescentes na EJA, tensiona o poder público municipal na observação e planejamento de ações voltadas a esse público, fazendo cumprir o que diz a meta 3 do Plano Municipal de Educação — PME (ITAPETINGA, 2014 – 2024), que garante: “apoiar programas de educação e de cultura para a população urbana e do campo, de jovens na faixa etária de 15 a 17 anos, e de adultos, com qualificação social e profissional para aqueles que estejam fora da escola e com defasagem idade/série” (ITAPETINGA, 2014).

Nota-se também que a maioria no público na EJA é atualmente composta por pessoas solteiras (figura 4), esse é outro fator de distanciamento de uma



das características que já foi inerente à modalidade. A EJA era composta por indivíduos trabalhadores(as), mães e pais de famílias, que buscavam essa modalidade por não terem oportunidade de estudar quando crianças por diversas razões.

Figura 4 – Perfil dos(as) estudantes por estado civil



Fonte: Dados coletados pelos(as) autores(as), 2019.

Mediante esses perfis traçados, até o momento, encontram-se muitos estudantes participantes da pesquisa que se enquadram nesse novo perfil da EJA como, por exemplo, a estudante Marta. Ela é solteira, tem 30 anos, possui três filhos, trabalha como doméstica, está cursando a EJA III (corresponde ao 3º e 4º ano) e relatou:

Eu parei de estudar quando era criança porque mudei de cidade, uma vez, no meio do ano, minha mãe não procurou jeito de me colocar para estudar; outra vez foi, eu já adulta, porque eu não conseguia aprender o que a professora ensinava, só tirava nota baixa, aí parei. Eu sempre trabalhei em casa de família. Eu sempre trabalhei para ajudar na despesa de casa. Eu fico cansada, não tenho tempo para estudar em casa. Quando eu chego em casa, ainda tem os afazeres de casa para cuidar. Às vezes o cansaço é tanto que eu cochilo na sala. Não consigo aprender direito. Eu presto atenção na explicação da professora. Ela é muito boa para explicar, paciente, mas tem coisa que fica na mente, tem coisa que não. É assim, desde que eu era pequena. Aí, quando eu vejo que vou perder de ano, desisto logo. Eu estudo porque quero aprender a ler melhor e um dia ter um emprego melhor. Eu não quero ficar para trás. Eu quero ser exemplo para meus filhos. E também, é muito ruim a gente não saber das coisas. Eu desejo fazer um concurso, ainda tô nova. (MARTA, 2019).

Assim, nota-se que o perfil dos estudantes da EJA mudou muito ao longo dos anos. Isso mostra que os documentos e legislações também devem se ade-



quar a essas novas características, principalmente, a forma de organização curricular que estão apresentadas no PME (ITAPETINGA, 2014 – 2024) e nas Diretrizes da EJA Municipal (2010), que destaca:

[...] o oferecimento de no mínimo um curso profissionalizante (corte e costura, eletricitista, encanador, pintura, cerâmica, bordado, culinária, etc.) por ano letivo para os alunos da EJA, estes cursos serão de oferta obrigatória para a escola e de caráter facultativo para os estudantes e deverão ser oferecidos de forma que sua carga horária não concorram nem implique em diminuição da carga horária básica definida para cada período letivo do aluno da EJA. (ITAPETINGA, 2010).

Entretanto, apesar dos documentos municipais apresentarem sugestões de organizar a estrutura do currículo da EJA, não se percebe esforços do poder público no sentido de fazer cumprir um documento elaborado com participação popular, cujo período de vigência já se encontra próximo de ser revisto e atualizado. Sobre tais metas e estratégias estabelecidas, fica o questionamento quanto aos seus cumprimentos.

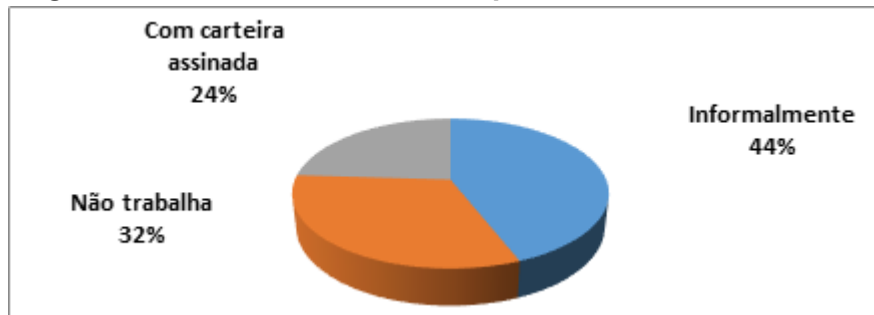
Percebe-se que, além desses perfis já apresentados acima, a exclusão escolar também está ligada a fatores de ordem econômica e familiar, por exemplo, quando a estudante Marta (2019) diz que trabalhou sempre como doméstica para ajudar na despesa da casa, que mudou-se de cidade e não se lembra dos motivos que impediram sua mãe de matriculá-la na escola. Nota-se ainda, a autoimagem negativa que a estudante construiu de si mesma por não conseguir aprender, apesar de prestar atenção na aula e ter uma professora que explica bem.

Diante do exposto, a exclusão precoce da escola possibilita concluir que o impacto mais evidente da vivência pelos sujeitos consistiu na construção de uma autopercepção negativa, que, se por um lado a colocou no lugar do não-saber, por outro lado, acabou servindo como um mecanismo propulsor no sentido de mobilizá-la na busca da melhoria da sua formação escolar (SANTOS, 2003, p. 24).



Outros dados importantes para refletir estão na relação das figuras 2 e 4, nas quais os estudantes solteiros se apresentam como maioria, e possuem um ou mais filhos. E como se percebe na figura 5, as maiores parcelas de estudantes ou trabalham informalmente ou não exercem nenhuma função remunerada.

Figura 5 — Perfil dos (as) estudantes por atividade laboral exercida



Fonte: Dados coletados pelos autores, 2019.

Nota-se que o trabalho informado na pesquisa (44%), diz respeito ao trabalho *freelancer*, temporário e sem vínculo empregatício, portanto, sem uma renda fixa mensal. Considerando que a EJA está para abarcar essa demanda estimável de pessoas que vivenciam os mesmos problemas, situações e experiências, é importante que se reflita sobre ações que contemplem essa parcela na modalidade.

No âmbito da pesquisa, toma-se como exemplo a narrativa do estudante Alexandre, de 18 anos, solteiro, que não tem filhos e não possui trabalho fixo, ele cursa a EJA IV (Corresponde ao 6º e 7º anos). Quando perguntado sobre quantas vezes e por quais motivos desistiu de seus estudos, ele respondeu:

Eu perdi algumas vezes, acho que umas três. Desisti uma vez só, fiquei sem estudar por uns anos, mas agora voltei. Eu não imaginava nada de estudo quando era mais novo, só queria brincadeira na escola. Agora eu vejo a falta que me faz o estudo. Já era para ter terminado o ensino médio, se eu não repetisse e perdesse tanto de ano. Eu não ouvia conselho de ninguém, eu não queria mesmo estudar e ninguém me obrigava. Hoje me arrependo, fica difícil achar trabalho sem ter estudo. Às vezes, quando acho um serviço, eu fico sem coragem de vir para escola, mas faço um sacrifício e venho, mesmo com sono. Até durmo na sala, mas faço de tudo para vir. Os "bicos" que eu arranjo, são só de serviço pesado. Atrapalham nos estudos porque me cansam



muito. Quando eu estou trabalhando, eu durmo cedo porque tenho que acordar cedo, é difícil fazer os dois. Eu trabalho como ajudante de pedreiro, de pintura, qualquer coisa que me aparece. Mas, o que eu quero mesmo é de vigilante, em mercado também é bom, mas de carteira assinada. Acho que vou decidir minha profissão quando tiver terminado os estudos. (ALEXANDRE, 2019).

Com base no relato do estudante, percebe-se que a defasagem idade-série se deu pelas repetências escolares em séries regulares e não apenas por desistências. Alexandre faz parte da parcela de estudantes que não tem trabalho fixo, nem uma profissão e que busca na EJA a aceleração dos estudos como forma de conseguir lugar no mercado de trabalho. Vive como muitos outros estudantes das camadas populares que se desdobram entre trabalhos temporários e os estudos. Assim como outros entrevistados, se percebe em sua alocação que não há percepção da exclusão escolar, tomando para si a culpa por seu fracasso escolar, quando se diz “Eu não ouvia conselho de ninguém, eu não queria mesmo estudar e ninguém me obrigava. Hoje me arrependo [...]”.

Muitos jovens buscam a inserção na EJA para recuperar seus tempos de estudos deixados para trás por diversas razões, mas principalmente, por um certificado de conclusão que possa garantir-lhes um passaporte de entrada ao universo mercadológico com garantias trabalhistas, deixando o trabalho provisório por uma sobrevivência mais humana. Sobre tais incertezas do sobreviver indefinido, cabe a provocação de Arroyo (2018) quando diz:

[...] jovens-adultos trabalhadores condenados a viver o provisório, sem prazo se colocam como garantir seu direito a entender em que tempo vivem. Como essas vivências do trabalho incerto marcam as incertezas do seu viver. Marcam suas experiências de seu tempo humano. As vivências do trabalho incerto, os limites de projetarem-se no tempo. As vivências do trabalho incerto configuram seus percursos temporários, humanos, até gerenciais e escolares [...]. Vivências que exigem ser trabalhadas com centralidade nas diversas áreas do conhecimento [...]. Nós somos e nos identificamos socialmente pelo trabalho; quando o trabalho é indefinido, as identidades pessoais e sociais perdem contornos. Que consequências isso traz para a formação das identidades de ser uma pessoa jovem e adulta? Como essa indefinição chega ao EJA? Como trabalhá-las? (ARROYO, 2017, p. 55).



São perguntas para uma profunda reflexão de todos os atores envolvidos na modalidade. Estudar para conseguir um futuro melhor, como anseiam os estudantes jovens na EJA, se distancia cada vez mais, e conseqüentemente, o presente alonga seus percursos de vida incerta, como afirma o autor.

De modo a entender as interrupções nos percursos escolares dos sujeitos da pesquisa e traçar um perfil fidedigno, reflete-se sobre suas possíveis causas. A seguir, mostra-se o Quadro 1, em que constam os motivos apontados por eles.

Quadro 1 – Reprovações e desistências dos(as) estudantes da EJA ao longo da vida escolar

Quantidade	Reprovação	Desistência	Principais motivos
De 1 a 2 vezes	8 alunos (as)	9 alunos(as)	-Não queria estudar
De 3 a 4 vezes	3 alunos(as)	2 alunos(as)	-Cuidando dos(as) filhos(as)
Nunca repetiu	2 alunos(as)	1 aluno(a)	-Doença
Não se lembra	1 aluno(a)	1 aluno(a)	-Trabalho
Não respondeu	-----	1 aluno(a)	-Dificuldade em aprender as disciplinas em geral -Dificuldade em aprender a matemática.

Fonte: Dados coletados pelos autores, 2019.

Vale ressaltar que os estudantes apontaram mais de um motivo que os levaram a desistir dos estudos e que essa quantidade de reprovações e desistências, na maioria das vezes, ocorreram nas séries regulares no diurno, ou seja, em maioria, ocorreram fora da EJA. Logo, veem essa modalidade como meio de correção da distorção idade-série, ocorrida em seus percursos escolares.

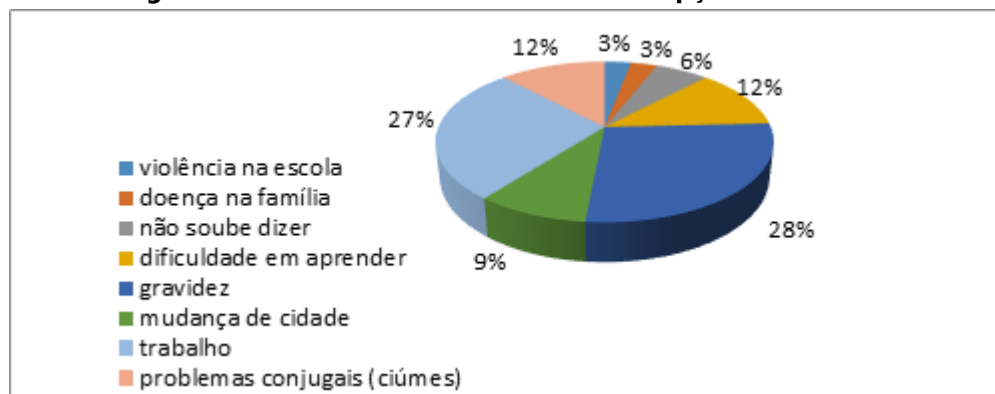
É importante observar que as respostas dos estudantes denotam que compreendem tanto os fatores motivadores das desistências quanto suas implicações na vida deles. Percebe-se que quanto mais tempo o estudante ficou fora da escola, mais desmotivado ele se viu a retomar seus estudos. A importância da obtenção dessas informações se justifica pelo interesse de compreender o



impacto da desistência e do retorno à vida de estudantes que, em sua maioria, retornaram para a EJA.

Assim, quando se verifica sobre a interrupção dos estudos enquanto estudantes da EJA, nota-se que essas interrupções tiveram, em sua maioria, mais de um fator causador. Porém, os itens de maior relevância são exatamente questões ligadas ao trabalho e a gravidez, conforme apresenta a figura 6.

Figura 6 — Elementos causadores da interrupção dos estudos



Fonte: Dados coletados pelos autores, 2019.

Entende-se que com essa diversidade de elementos causadores da interrupção dos estudos na EJA, o currículo precisa ser (re)pensado para contemplar temas que estudem essas problemáticas vivenciadas pelos estudantes inseridos nessa modalidade e em todas as áreas do conhecimento, visando o cotidiano dos estudantes das classes populares e trabalhadores que vivenciam insegurança no trabalho e na família.

Percebe-se que nem os próprios estudantes entendem as causas das interrupções em seus estudos. Por isso, expressam desejos de mudança, porém, em sua grande maioria, de ordem da estrutura física da escola, para torná-la mais agradável, condicionando à permanência na escola.

Assim, os estudantes do Colégio Manoel Novaes chamam a atenção para os seguintes itens: falta de atividade física para os homens (capoeira) e recreativa (sala de jogos e de leitura); impossibilidade de uso da quadra à noite para jogar futebol por falta de refletores; aulas mais bem planejadas de alguns pro-



fessores; menos interrupções das aulas (eles são liberados mais cedo dois dias na semana para atividades internas da escola); menos falta de professor nas aulas; projetos com temas de interesse dos estudantes e salas mais ventiladas (pois os ventiladores estão quebrados ou com mau funcionamento).

No Colégio Paulo Hagge, destacaram: tem biblioteca, mas não usa a noite, não há atividades programadas envolvendo leitura na biblioteca; não há sala de jogos; desejam ter aula de informática e não há atividade física (capoeira).

Já no Colégio José Marcos Gusmão, os estudantes chamam a atenção para a necessidade do oferecimento de aula de informática; a falta de atividade física (capoeira) e a estrutura física da escola: salas mais ventiladas, os ventiladores estão quebrados ou com mau funcionamento, as cerâmicas estão quebradas, as paredes sujas, as janelas sem vidros e a necessidade de melhor higiene dos bebedouros e sanitários.

Dessa maneira, se percebe a limitação das escolas públicas em estruturas físicas, nos desajustes das propostas pedagógicas e nas dificuldades dos professores que contam apenas com as experiências construídas ao longo do tempo de docência na EJA, e no caso dos mais novos na modalidade, contar com a observação dos mais experientes.

Sobre isso, Haddad(1997) afirma:

Como sabemos, em grupos sociais pobres, excluídos de condições sociais básicas, não basta oferecer a escola, é necessário criar as condições de frequência, utilizando uma política de discriminação positiva, sob risco de mais uma vez culpabilizar os próprios alunos pelos seus fracassos (HADDAD, 1997, p. 116).

Buscou-se conhecer também, as razões dos estudantes estarem estudando na EJA. Foi verificado que a maioria (48%) vislumbra concluir os estudos para fazer faculdade. Já 41% pensam em ter um emprego melhor, 5% destacaram em continuar recebendo bolsa-família e somente 2% destacaram ser um meio de socialização, de recuperar o tempo perdido e fazer concurso.



Mediante essas respostas, entende-se que os estudantes desejam ir além do ensino médio, galgar níveis mais altos de escolarização. Faz parte da nova configuração da EJA que estudantes manifestem desejos de fazer um curso superior e não simplesmente concluir o ensino fundamental e médio. Diante disso, o desafio da educação municipal se mostra ainda maior, visto que se precisa pensar um ensino da EJA que possibilite esse anseio. Vale ressaltar que esse estudante tem direito legal de prosseguir nos estudos em caráter regular, como afirma o artigo 37 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n.º 9.394/96:

[...] Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Parágrafo 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (BRASIL, 1996).

Estudos sobre o ingresso dos estudantes da EJA no ensino superior ainda são tímidos, porém, essa pesquisa veio destacar o anseio desse sujeito em obter o seu diploma e ampliar a qualidade de sua formação com vistas alcançar os benefícios inerentes a esta condição. Sobre isso, um estudo desenvolvido por Santos (2017) informa que não só estão concluindo a Educação básica, como de fato, estão chegando ao ensino superior.

[...] não só que tal chegada é possível, como dá indícios tanto de sua importância para quem só conseguiu concluir a Educação Básica tardiamente, quanto da consciência dos desafios, neste universo, para alcançar a formação profissional de nível superior. São pessoas que perseveraram na busca da realização das aspirações que dirigem à educação, enfrentando os diversos obstáculos que a vida vivida nas condições possíveis lhes apresenta; razão pela qual se torna relevante compreender os modos como vivenciam esta experiência e os retornos que ela lhes propicia (SANTOS, 2017, p. 8).



Portanto, para que a educação na EJA possibilite esse avanço e prosseguimento dos estudos, se faz necessário (re)pensar o currículo, pois o que está sendo apresentado aos estudantes anda na contramão da realidade enfrentada por eles no cotidiano. Não são preparados com conhecimento necessário para exercer seus trabalhos provisórios, nem terão consciência de “que poderão sair da EJA sem conhecer de que trabalhos chegam nem por quais trabalhos lutam” (ARROYO, 2017, p. 57).

Ademais, é necessário clarear o motivo que conduz e mantém o estudante na escola noturna mesmo sem vontade de estudar, considerando as motivações e justificativas apresentadas pelos próprios estudantes na pesquisa.

Quanto à permanência na escola, percebe-se que o acesso e a permanência ocorrem com um somatório de muitas dificuldades e não apenas por uma única razão. Desta forma, a escola se torna excludente para esses cidadãos (que necessitam ser reconhecidos como trabalhadores), quando deveria proporcionar uma forma diferenciada e mais flexível para o estudante e trabalhador que estão matriculados nas turmas da EJA.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vistas aos aspectos observados, entende-se que é essencial que se desfaça a visão impregnada na sociedade, a começar pelo estudante, de que a EJA é uma educação destinada à correção de fluxo e à redução de indicadores de baixa escolaridade. Assim como a visão de que ela pesa nos cofres públicos e nos espaços físicos e organizacionais das escolas diurnas, quando ela transparece ser uma agregada e não uma modalidade educativa.

É preciso que se veja o espaço da EJA como território de luta por uma educação emancipatória, embora isto ainda esteja muito distante da realidade. Cabe então, aos envolvidos na EJA, vê-la como educação, entender que para estar inserido nessa modalidade, é preciso considerar que o conhecimento é um



dos componentes fundamentais para a consciência crítica e luta contra a exclusão a que é submetida a EJA.

Só assim, poderão entender os motivos que levam a tantos desafios impostos para essa educação como a reprovação e a desistência. Vistas pelos alunos como algo natural, porque como um “constitutivo mesmo de suas trajetórias, deve-se ao fato de eles não perceberem as possíveis consequências que esse acontecimento poderia vir a gerar em suas vidas no futuro” (SANTOS, 2003, p. 114).

Considerando as falas dos estudantes participantes da pesquisa dos colégios CAIC Paulo Hagge, José Marcos Gusmão e Colégio Manoel Novaes e as reflexões realizadas sobre o processo de Evasão escolar, entende-se que o público constitutivo da EJA no período de 2014 a 2018 é, em sua maioria, jovens menores de 18 anos, com sua frequência escolar atrelada a obrigatoriedade do recebimento do benefício social denominado “Bolsa Família”. Logo, eles vêm de histórico de repetência escolar no diurno e ao completarem 16 anos são matriculados no noturno (em sua grande maioria são encaminhados para as classes de EJA) para acelerar os estudos, compensando os anos de repetência anteriores.

Das razões que levaram os discentes a interromperem seus estudos, é possível perceber, pelo que foi apresentado na pesquisa, que existem fatores motivadores da evasão escolar ligados às questões financeiras: visto que precisam trabalhar cedo para ajudar na renda familiar; as dificuldades de conciliar trabalho e estudo, pois moram distantes do trabalho; que a carga horária do mesmo inviabiliza o estudo; as questões familiares, como à gravidez e, após o nascimento, a dificuldade de cuidar dos filhos; os afazeres domésticos, ou ainda, pela própria dificuldade cognitiva em acompanhar os estudos. Por isso desanimam e desistem.

Foi visto também um outro motivo que merece destaque, pois está relacionado à origem familiar dos estudantes, em que o analfabetismo ou a pouca



escolarização se naturaliza e se perpetua por gerações, alimentando o ciclo do analfabetismo e/ou baixa escolaridade, pobreza e marginalidade social, dos quais a escola não consegue muitas vezes resolver. Isso se confirma nas alocações dos próprios alunos.

Entretanto, percebe-se também em algumas falas deles, que eles almejam, mesmo com as dificuldades, romper com a insuficiência dos estudos para conseguir ascender na vida profissional. Isso leva à reflexão da razão da existência da EJA e dos atores sociais nela inseridos, indivíduos que trabalham, muitos em ambientes hostis e por longas horas, muitas vezes sem garantias trabalhistas, e à noite frequentam a escola porque a veem como possibilidade de romper com as condições de incertezas de suas vidas desumanas.

Portanto, essa pesquisa destaca a importância de conhecer o universo da EJA, bem como os motivadores das interrupções dos estudantes no ensino regular e sua inclusão na modalidade. Além de saber dos seus anseios e expectativas, considerando que a modalidade precisa se adequar para atender a esses novos atores sociais que vão surgindo. Contudo, é reconhecido que somente os dados da pesquisa não dão conta de toda a dinamicidade que envolve os motivos da evasão escolar nessa modalidade. Mas, acredita-se que novos espaços se abram com esta pesquisa, posto que percebeu-se nas falas dos estudantes questões negativas relacionadas à organização curricular e pedagógica da escola e que precisam ser sanadas por meio da materialidade das políticas públicas e investimentos no financiamento da EJA no município, urgentemente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma viagem justa**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2017, p. 7-35.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC, 23 dez. 1996.



CUNHA JUNIOR, A. S. Saberes Construídos Pelos Professores Nas Práticas Docentes Da Educação De Pessoas Jovens E Adultas (EPJA). **Revista Labor**, v. 1, n. 16, p. 66 - 79, 15 mar. 2017. OLIVEIRA, Maria O. de M.. **Políticas públicas e educação de jovens e adultos. Rev. Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 6, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

HADDAD, Sérgio. **A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB**. 1997.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos**. São Paulo em perspectiva, v. 14, n. 1, p. 29-40, 2000.

ITAPETINGA (BAHIA). **Plano Municipal de Educação de Itapetinga 2014-2024 (PME)**. Secretaria Municipal de Educação. Volume Único. Itapetinga, 2014.

ITAPETINGA (BAHIA). **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**. Secretaria Municipal de Educação Volume Único. Itapetinga, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SANTOS, Geovânia Lúcia dos. **Educação superior ainda que tardia: impactos e efeitos da educação superior entre adultos egressos da EJA**. III ALFAEJA – ENCONTRO INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. 2017. Disponível em: <http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2016/11/4-Geovania-dos-Santos_Educac_a_o-superior-ainda-que-tardia.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

SANTOS. Geovânia Lúcia dos. **Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA**. Revista Brasileira de Educação. Nº 24 setembro-dezembro, 2003.